

ARTEMIS



AUTOR DE **PERDIDO EM MARTE**

ANDY WEIR

Eu corria e saltava pelo terreno cinza e poeirento em direção à enorme cúpula da Bolha Conrad. A câmara de pressurização, cercada de luzes vermelhas, estava a uma distância preocupante.

É difícil correr carregando 100 quilos de equipamento – mesmo em gravidade lunar. Mas você ficaria pasmo ao ver a velocidade com que consegue se mover quando sua vida está em perigo.

Bob vinha ao meu lado. A voz dele chegou pelo rádio:

– Me deixe conectar meus tanques ao seu traje!

– Isso só vai fazer com que você também seja morto.

– O vazamento é enorme – disse ele, bufando. – Dá para *ver* o gás escapando dos seus tanques.

– Agradeço pelo papo furado.

– Eu sou o perito em atividades extraveiculares aqui. Pare agora mesmo e me deixe fazer a maldita conexão.

– Negativo. – Continuei correndo. – Ouvi um estalo, logo antes do alarme de vazamento. Fadiga do metal. Deve ser o conjunto da válvula. Se fizer a conexão cruzada, vai acabar furando sua mangueira numa borda serrilhada.

– Estou disposto a correr o risco!

– E eu estou disposto a não permitir isso. Acredite, Bob. Eu entendo de metais.

Passsei a dar saltos longos e regulares. Parecia que estava em câmera lenta, mas era o melhor modo de me mover com todo aquele peso. As informações projetadas no interior do capacete diziam que a câmara de pressurização estava a 52 metros.

Olhei as informações na tela do braço. Minha reserva de oxigênio despencou enquanto eu fazia isso. Parei de olhar.

Os saltos davam resultado. Agora estava realmente indo com tudo. Cheguei a deixar Bob para trás, e ele é o mais hábil perito em AEV na Lua. O truque é o seguinte: acrescente mais ímpeto para a frente toda vez que você tocar no chão. Só que isso também significa que cada salto é um negócio complicado. Se você fizer merda, vai cair de cara e rolar pelo chão. Os trajes espaciais são fortes, mas é melhor não raspá-los contra o regolito.

– Você está indo rápido demais! Se tropeçar, pode rachar seu visor!

– É melhor do que sugar vácuo – respondi. – Devo ter uns dez segundos.

– Estou logo atrás de você. Não espere por mim.

Só percebi como eu estava indo rápido quando as placas triangulares da Conrad preencheram meu campo de visão. Elas estavam se aproximando *muito, muito* depressa.

Não tinha tempo para diminuir a velocidade. Dei um último salto e acrescentei uma cambalhota para a frente. Foi o tempo exato (mais por sorte do que por habilidade), e bati com os pés na parede. É, Bob estava certo. Eu estava indo rápido demais.

Caí, me levantei de qualquer jeito e agarrei o volante da escotilha.

Meus ouvidos estalaram. Alarmes berraram dentro do capacete. O tanque estava no finalzinho. Não podia mais neutralizar o vazamento.

Empurrei a escotilha e cambaleei para dentro. Tentei respirar e minha visão ficou turva. Fechei a escotilha com um chute, ergui a mão para o tanque de emergência e puxei o pino.

A parte de cima do tanque voou para longe e o ar inundou o compartimento. Veio tão depressa que metade se liquefez em partículas de névoa devido ao resfriamento resultante da expansão rápida. Desabei quase inconsciente.

Ofeguei dentro do traje e contive a ânsia de vomitar. Era um esforço muito maior do que eu tinha condições de fazer. Comecei a sentir dor de cabeça por causa da falta de oxigênio. Ela continuaria a me incomodar por algumas horas, no mínimo. De alguma forma, consegui ter mal da montanha na Lua.

Aos poucos minha respiração foi se normalizando. Bob finalmente chegou à escotilha. Eu o vi espionar pela janelinha redonda.

- Status? – perguntou ele pelo rádio.
- Consciente – respondi com dificuldade.
- Consegue ficar de pé? Ou devo pedir ajuda?

Bob não poderia entrar sem me matar: eu estava no chão da câmara de pressurização com um traje ruim. Mas qualquer uma das duas mil pessoas na cidade poderia abrir a câmara pelo outro lado e me arrastar para dentro.

- Não precisa.

Fiquei de quatro, depois me levantei. Firmei o corpo contra o painel de controle e iniciei a limpeza. Jatos de ar com alta pressão me golpearam por todos os lados. A poeira lunar cinza fez redemoinhos dentro da câmara e foi sugada para dutos de ventilação ao longo da parede.

Depois da limpeza, a porta interna da escotilha se abriu automaticamente. Saí na antecâmara, soltei a escotilha interna e despenquei num banco.

Bob passou pela câmara de pressurização do modo normal – sem toda a parte dramática com o tanque de emergência (que, por sinal, agora precisaria ser substituído). Só o método convencional: bombas e válvulas. Depois do ciclo de limpeza, ele se juntou a mim na antecâmara.

Sem dizer nada, ajudei Bob a tirar seu capacete e as luvas. Você nunca deve deixar que alguém tire o traje sozinho. Dá para fazer, mas é um pé no saco. Há uma tradição nessas coisas. Ele retribuiu o favor.

- Bom, acho que não deu certo – falei enquanto ele tirava meu capacete.
- Você quase morreu. – Bob saiu do traje. – Deveria ter ouvido minhas instruções.

Eu me espremi para fora do traje e olhei a parte de trás. Apontei para um pedaço de metal serrilhado que já havia sido uma válvula.

- Como eu disse, a válvula explodiu. Fadiga do metal.

Ele olhou para a válvula e confirmou.

– É. Você tinha razão em recusar a conexão cruzada. Muito bem. Mesmo assim, isso não deveria ter acontecido. Onde você conseguiu esse traje?

- Comprei de segunda mão.
- Por quê?
- Porque não tinha dinheiro para um novo. Quase não tinha dinheiro para um usado, e vocês, seus escrotos, não iam me deixar entrar para o sindicato se eu não tivesse um traje.

– Você deveria ter economizado para comprar um novo.

Bob Lewis é um ex-fuzileiro naval americano que age sem frescuras. Mais importante, é o principal treinador do Sindicato de Atividades Extraveiculares (AEV). Presta contas a um chefe, mas somente ele determina se a pessoa tem condições de entrar. E se você não é do sindicato, não tem permissão de fazer AEV sozinho nem guiar grupos de turistas na superfície. É assim que os sindicatos funcionam. Sacanas.

– E então? Como me saí?

Ele bufou.

– Está de sacanagem? Você fracassou na prova, Jazz. Você fracassou com louvor.

– Por quê? Fiz todas as manobras exigidas, cumpri todas as tarefas e terminei a pista de obstáculos em menos de sete minutos. E quando aconteceu um problema quase fatal não coloquei meu parceiro em perigo e voltei à cidade em segurança.

Ele abriu um armário e guardou as luvas e o capacete.

– Seu traje é sua responsabilidade. Ele falhou. Isso significa que *você* falhou.

– Como você pode me culpar pelo vazamento? Tudo estava ótimo quando saímos!

– Essa é uma profissão que visa aos resultados. A Lua é uma puta velha e malvada. Ela não se importa em saber *por que* seu traje falha. Ela simplesmente mata quando isso acontece. Você deveria ter inspecionado melhor o equipamento.

Ele pendurou o resto do traje no suporte dentro do armário.

– Qual é, Bob!

– Jazz, você quase morreu lá fora. Não dá para aprovar você! – Ele fechou o armário e começou a sair. – Faça o teste de novo daqui a seis meses.

Bloqueei o caminho dele.

– Isso é ridículo! Por que eu preciso ficar no banco de espera por causa de uma regra arbitrária do sindicato?

– Preste mais atenção na inspeção dos equipamentos. – Ele me contornou e saiu da antecâmara. – E pague o preço integral quando consertar aquele vazamento.

Depois que ele saiu, me joguei no banco.

– Merda.

Fui andando pelo labirinto de corredores de alumínio até minha casa. Pelo menos não era uma longa caminhada. A cidade inteira só tem 500 metros de diâmetro.

Moro em Artemis, a primeira (e até agora única) cidade na Lua. É feita de cinco esferas enormes chamadas de “bolhas”. A metade inferior fica no subsolo, de modo que Artemis é exatamente como os antigos livros de ficção científica diziam que seria uma cidade lunar: um punhado de cúpulas.

A Bolha Armstrong está situada no meio, cercada pela Aldrin, a Conrad, a Bean e a Shepard. Cada bolha se conecta com as vizinhas por meio de túneis. Eu me lembro de ter feito um modelo da Artemis num trabalho de escola. Foi bem simples: só umas bolas e palitos. Demorei dez minutos.

É caro vir para cá e é mais caro ainda morar neste lugar. Mas uma cidade não pode ser feita somente de turistas ricos e bilionários excêntricos. Precisa de trabalhadores. Você não espera que J. Ricaço Nababesco III limpe seu próprio banheiro, não é?

Eu faço parte da ralé.

Moro na Conrad Inferior 15, uma área maltrapilha da Bolha Conrad quinze andares abaixo da superfície. Se meu bairro fosse um vinho, os peritos diriam que é “merdoso, com notas de fracasso e péssimas decisões na vida”.

Fui andando pela fileira de portas quadradas igualmente espaçadas até chegar à minha. Pelo menos era uma das “camas de baixo”. Mais fácil de entrar e sair. Passei meu Gizmo diante da fechadura e a porta se abriu com um estalo. Me arrastei para dentro e ela se fechou.

Me estendi na cama olhando para o teto, que ficava a menos de 1 metro do meu rosto.

Tecnicamente é um “domicílio-cápsula”, mas todo mundo chama de caixão. É só uma cama num lugar fechado com uma porta que eu posso trancar. Existe apenas uma utilidade para um caixão: dormir. Bom, certo, há outro uso (que também implica ficar na horizontal), e você já entendeu.

Tenho uma cama e uma prateleira. E só. Há um banheiro comunitário no fim do corredor e chuveiros públicos a alguns quarteirões de distância. Meu

caixão nunca vai ser capa da revista *Melhores casas e paisagens lunares*, mas foi o que deu para arranjar.

Consultei meu Gizmo para ver a hora.

– Meeeerda.

Não tinha tempo para ficar remoendo. O cargueiro da CEQ ia pousar naquela tarde e eu tinha trabalho a fazer.

Só para esclarecer: o Sol não define “tarde” para nós. Só temos um “meio-dia” a cada 28 dias da Terra e, de qualquer modo, não podemos vê-lo. Cada bolha tem dois cascos de 6 centímetros de espessura com 1 metro de pedra britada entre eles. Você poderia disparar um obus contra a cidade e ela não deixaria passar nada. A luz do Sol definitivamente não consegue entrar.

Então o que usamos para indicar as horas? O horário do Quênia. Era de tarde em Nairóbi, portanto era de tarde em Artemis.

Meu corpo estava imundo de suor e sujeira devido à minha quase mortal AEV. Não havia tempo para tomar uma chuvaçada, mas pelo menos poderia trocar de roupa. Tirei o traje resfriador de AEV e vesti o macacão azul. Apertei o cinto e me sentei de pernas cruzadas, em seguida prendi o cabelo num rabo de cavalo. Depois peguei meu Gizmo e saí.

Não temos ruas em Artemis. Temos corredores. Custa um monte de dinheiro construir propriedades na Lua e certamente não vão desperdiçá-lo com ruas. Você pode ter um carro ou uma motoneta elétrica se quiser, mas os corredores são projetados para pedestres. A gravidade é apenas um sexto da terrestre. Andar não exige muita energia.

Quanto mais vagabundo o bairro, mais estreitos são os corredores. Os corredores da Conrad Inferior chegam a ser claustrofóbicos. Só têm largura para duas pessoas se cruzarem, e mesmo assim elas precisam ficar de lado.

Andei em direção ao centro da bolha. Não havia elevador ali perto, por isso subi os degraus de três em três. As escadas no núcleo são iguais às da Terra – degraus curtos, pequenos, de 21 centímetros de altura, o que deixa os turistas mais confortáveis. Em áreas onde não há turistas, têm meio metro de altura. Coisa da gravidade lunar. De qualquer modo, fui saltando pela escada de turistas até chegar ao térreo. Subir quinze andares de escadas provavelmente parece horrível, mas aqui não é grande coisa. Nem fiquei sem fôlego.

O térreo é onde estão todos os túneis que se conectam com as outras

bolhas. Naturalmente todas as lojas, butikues e outras armadilhas para forasteiros ficam ali, por causa do tráfego de pedestres. Na Conrad isso significava principalmente restaurantes que serviam Grude para turistas que não podem pagar por comida de verdade.

Uma aglomeração se afunilava entrando no Conector Aldrin. É o único modo de ir da Conrad para a Aldrin (a não ser pelo caminho mais longo, através da Armstrong), por isso é uma via importante. Passei pela grande porta circular que funcionava como uma válvula. Se o túnel sofresse algum rompimento, o ar que escapasse da Conrad forçaria essa porta a se fechar. Assim, todo mundo na Conrad seria salvo. Se você estivesse no túnel nessa hora... bom, eu não ia querer ser você.

– Ora, vejam se não é Jazz Bashara! – exclamou um babaca ali perto.

Ele agia como se fôssemos amigos. Não éramos.

– Dale – respondi.

Continuei andando.

Ele se apressou para me alcançar.

– Um cargueiro deve estar chegando. Nenhuma outra coisa faz esse seu rabo preguiçoso entrar num uniforme.

– Ei, você se lembra daquela vez em que eu dei atenção para o que você tinha a dizer? Ah, espera, foi engano. Isso nunca aconteceu.

– Ouvi dizer que você fracassou na prova de AEV hoje. – Ele fez “tsc-tsc”, fingindo desapontamento. – Que pena! Eu passei na primeira tentativa, mas nem todo mundo pode ser como eu, não é?

– Vá se foder.

– É, preciso dizer: os turistas pagam uma *bela* grana para ir lá fora. Estou indo agora mesmo para o Centro de Visitantes fazer uns passeios guiados. Vou faturar bem.

– Certifique-se de pular nas pedras bem afiadas.

– Não. Pessoas que *passaram* na prova sabem que não devem fazer isso.

– Fiz a prova só de curtição – falei, fingindo indiferença. – AEV não é trabalho de verdade.

– Aham, certo. Algum dia espero ser um carregador como você.

– Entregador – resmunguei. – A palavra certa é “entregador”.

Ele deu um sorrisinho que merecia um soco. Felizmente tínhamos chegado à Bolha Aldrin. Empurrei-o com o ombro e saí do túnel. A porta-válvula

da Aldrin estava de prontidão, como a da Conrad. Apertei o passo e virei à direita para sair da linha de visão de Dale.

A Aldrin é o oposto da Conrad em todos os aspectos. A Conrad é cheia de encanadores, sopradores de vidro, metalúrgicos, oficinas de solda, de consertos, e assim por diante. Já a Aldrin é um local de férias. Tem hotéis, cassinos, bordéis, teatros e até um parque decente com grama de verdade. Turistas ricos de toda a Terra vêm para estadias de duas semanas.

Passei pela Galeria. Não era o caminho mais rápido para onde estava indo, mas eu gostava do visual.

Nova York tem a Quinta Avenida, Londres tem a Bond Street e Artemis tem a Galeria. As lojas nem se incomodam em mostrar os preços. Se você precisa perguntar é porque não pode pagar. O Ritz-Carlton Artemis ocupa um quarteirão inteiro e se estende por cinco andares para cima e mais cinco para baixo. Uma única noite ali custa 12 mil grades – mais do que eu ganho num mês como entregadora, ainda que eu tenha outras fontes de renda.

Apesar do preço das férias na Lua, a demanda sempre é maior do que a oferta. Os terráqueos de classe média podem se dar a esse luxo como uma experiência única na vida usando um financiamento adequado. Ficam em hotéis mais vagabundos em bolhas mais vagabundas, como a Conrad. Já os ricos fazem viagens anuais e se hospedam em bons hotéis. E, nossa, como eles consomem!

Mais do que qualquer outro lugar, é pela Aldrin que o dinheiro entra em Artemis.

No bairro das lojas chiques não havia nada que eu pudesse comprar. Quem sabe algum dia teria o suficiente para pertencer a esse local. Pelo menos era esse o plano. Dei mais uma olhada, virei as costas e fui para o Porto de Entrada.

A Aldrin é a bolha mais próxima da zona de pouso. Ninguém ia querer que os ricos se sujasse viajando pelas áreas pobres, não é? O melhor é trazê-los logo para a parte bonita.

Andei devagar pela grande passagem em arco até o porto. O enorme complexo da câmara de pressurização é a segunda maior área aberta da cidade (só o Parque Aldrin é maior). O salão estava cheio de atividade. Abri caminho entre trabalhadores que deslizavam com eficiência de um lado para outro. Na cidade a gente precisa andar devagar para não trombar com

turistas. Já o porto é só para profissionais. Todos sabemos fazer o Passo Longo de Artemis e podemos realizar um bocado de coisas.

No lado norte do porto, algumas pessoas esperavam perto da câmara de pressurização do trem. A maioria ia para os reatores da cidade e para a refinaria da Alumínio Sanchez, 1 quilômetro ao sul. A refinaria usa uma quantidade gigantesca de calor e produtos químicos extremamente nocivos, de modo que todo mundo concorda que deva ficar bem longe. Quanto aos reatores... bom, são reatores nucleares. Também achamos melhor que eles fiquem longe.

Dale deslizou feito uma cobra até a plataforma do trem. Ia ao Centro de Visitantes Apollo 11. Os turistas adoram. A viagem de meia hora de trem propicia uma visão estonteante do terreno lunar, e o Centro de Visitantes é um lugar fantástico para espiar o local de pouso sem precisar sair da parte pressurizada. E, para os que quiserem se aventurar lá fora e ter uma visão melhor, Dale e outros peritos em AEV estavam prontos para levá-los num passeio.

Bem na frente da câmara de pressurização do trem havia uma enorme bandeira do Quênia. Embaixo estavam as palavras: “Você está embarcando na Plataforma Exterior do Quênia, em Artemis. Esta plataforma é propriedade da Corporação Espacial Quênia. Aplicam-se as leis marítimas internacionais.”

Encarei Dale com raiva. Ele não notou. Droga, desperdicei um olhar maligno perfeito.

Verifiquei a programação da zona de pouso no meu Gizmo. Hoje não havia nenhum navio de carne (é como chamamos os transportes de passageiros). Eles só chegam cerca de uma vez por semana. O próximo seria dali a uns três dias. Graças a Deus. Não há nada mais irritante do que garotos riquinhos torrando a poupança em busca de uma “xota lunar”.

Fui para o lado sul, onde a câmara de pressurização de carga estava preparada. Nela podiam caber 10 mil metros cúbicos de carga num único ciclo, mas trazer tudo para dentro era um processo lento. O módulo tinha chegado horas antes. Os peritos em AEV o levaram inteiro para a câmara e fizeram a limpeza com ar em alta pressão.

Tentamos ao máximo impedir que a poeira lunar entre na cidade. Por exemplo, eu não pulei a parte da limpeza nem depois da aventura com a válvula defeituosa. Por que todo esse trabalho? Porque respirar poeira lunar

é *extremamente* perigoso. É composta de pedras pequeninas, minúsculas, e não existe vento ou água para alisá-las. Cada grão é um pesadelo cortante, pontiagudo, só esperando para rasgar seus pulmões. É melhor fumar um maço de cigarros de amianto do que respirar essa porcaria.

Quando cheguei à câmara de carga, a gigantesca porta interna estava aberta e o módulo vinha sendo descarregado. Fui até Nakoshi, o estivador-chefe. Ele estava sentado atrás de sua mesa de inspeção, examinando o conteúdo de uma caixa de transporte. Satisfeito ao ver que ela não continha contrabando, fechou-a e a carimbou com o símbolo de Artemis – um A maiúsculo com o lado direito parecendo um arco e flecha.

– Bom dia, Sr. Nakoshi – falei, cheia de animação.

Meu pai e ele eram amigos desde que eu era uma menininha. Para mim, ele era como um parente, um tio querido.

– Entre na fila com os outros entregadores, sua merdinha.

Certo, talvez fosse mais como um primo distante.

– Qual é, Sr. N – disse com voz suave. – Estou esperando essa carga por semanas. A gente conversou sobre isso.

– Você transferiu o pagamento?

– O senhor carimbou o pacote?

Ele me encarou e enfiou a mão embaixo da mesa. Pegou uma caixa ainda lacrada e a empurrou para mim.

– Não estou vendo nenhum carimbo – falei. – Toda vez precisa ser desse jeito? Éramos tão amigos! O que aconteceu?

– Você cresceu e virou um tremendo pé no saco. – Ele pôs seu Gizmo em cima da caixa. – E você tinha potencial demais. Desperdiçou tudo. São 3 mil grades.

– Não eram 2.500, como a gente combinou?

Ele balançou a cabeça.

– Três mil. Rudy andou farejando. Risco maior significa pagamento maior.

– Isso parece mais um problema seu do que meu. Nós combinamos 2.500.

– Hummm. Talvez eu devesse fazer uma inspeção detalhada, então. Ver se há alguma coisa aí que não deveria estar...

Franzi os lábios. Não era hora de fincar o pé. Abri o aplicativo do banco do meu Gizmo e iniciei a transferência. Os dispositivos fizeram a mágica que os computadores fazem para identificar uns aos outros e verificar.

Nakoshi pegou seu Gizmo, olhou para a página de confirmação e assentiu. Depois, carimbou a caixa.

– O que tem aí dentro, afinal?

– Os filmes pornô que a sua mãe estrelou.

Ele bufou e continuou com as inspeções.

E é assim que se faz contrabando em Artemis. Na verdade, é bem simples. Só é necessário um funcionário corrupto que você conheça desde os 6 anos. *Trazer* o contrabando para Artemis... bom, isso é outra história. Mais tarde falo a respeito.

Eu poderia ter pegado mais um punhado de pacotes para entregar, mas esse era especial. Fui até meu carrinho e pulei no banco do motorista. Eu não precisava realmente de um carrinho – Artemis não foi feita para veículos –, mas era mais rápido, e desse jeito eu poderia entregar mais coisas. Como sou paga por entrega, valeu o investimento. Meu carrinho é difícil de ser controlado, mas é bom para carregar coisas pesadas. Por isso decidi que ele era macho. Dei-lhe o nome de Gatilho.

Pagava mensalmente para guardar o Gatilho no porto. Em que outro lugar poderia mantê-lo? Tenho menos espaço em casa do que um prisioneiro comum na Terra.

Liguei o Gatilho – não há chave nem nada, só um botão. Por que alguém roubaria um carrinho? O que você faria com ele? Venderia? Você nunca iria se dar bem. Artemis é uma cidade pequena. Ninguém rouba bosta nenhuma. Bom, certo, há alguns furtos em lojas. Mas ninguém pega carrinhos.

Saí do porto.

Fui serpenteando com o Gatilho pelas passagens opulentas da Bolha Shepard. Era muito diferente do meu bairro vagabundo. Os corredores da Shepard têm lambris de madeira e carpetes de bom gosto, que absorvem ruídos. Há lustres a cada 20 metros, para iluminar. Pelo menos não são absurdamente caros. Temos bastante silício na Lua, de modo que o vidro é feito aqui. Mesmo assim, quanta ostentação!

Se você acha que passar *férias* na Lua é caro, não vai querer saber quanto custa morar na Bolha Shepard. A Aldrin tem apenas lojas e hotéis chiques, mas é na Shepard que vivem os artemisenses ricos.

Estava indo para a propriedade de um dos caras mais ricos da cidade: Trond Landvik. Ele tinha feito fortuna na indústria de telecomunicações da Noruega. Sua casa ocupava um bom pedaço do térreo da Shepard. Era estupidamente grande, considerando que só moravam ele, a filha e uma empregada. O dinheiro era dele, né? Se ele queria ter uma mansão na Lua, quem era eu para julgar? Eu só levava as merdas ilegais para o sujeito, como era requisitado.

Parei o Gatilho perto da entrada da propriedade (ou pelo menos uma das entradas) e toquei a campainha. A porta deslizou para o lado e revelou uma russa corpulenta. Irina trabalhava para os Landviks desde a alvorada dos tempos.

Ela me encarou sem dizer nada. Eu a fitei de volta.

– Entrega – falei por fim.

Irina e eu já tínhamos interagido um zilhão de vezes, mas todas as vezes ela me obrigava a declarar o que ia fazer ali.

A mulher bufou, virou-se e foi para dentro. Era meu convite para entrar.

Fiz uma careta de desprezo para as costas dela enquanto Irina me levava pelo vestibulo da mansão. Ela apontou para um corredor e foi na direção oposta, sem dizer uma palavra.

– É sempre um prazer revê-la, Irina! – gritei atrás dela.

Passando pelo arco, encontrei Trond reclinado num sofá, de moletom e roupão de banho. Conversava com um asiático que eu nunca tinha visto.

– De qualquer modo, o potencial de lucro é... – Ele me viu entrar e sorriu. – Jazz! É sempre bom ver você!

O convidado de Trond tinha uma caixa aberta ao lado. Ele sorriu com educação e fechou-a desajeitadamente. Claro, isso só me deixou curiosa, quando em geral eu não ligaria a mínima.

– Bom ver você também – respondi.

Em seguida larguei o contrabando no sofá.

Trond indicou o convidado.

– Este é Jin Chu, de Hong Kong. Jin, esta é Jazz Bashara. Ela cresceu aqui mesmo, na Lua.

Jin fez um breve aceno de cabeça, depois falou com sotaque americano:

– É um prazer conhecê-la, Jazz.

Isso me pegou desprevenida e acho que foi evidente.

Trond gargalhou.

– É, o Jin aqui é produto das escolas particulares americanas de classe alta. Hong Kong, cara. É um lugar mágico.

– Não tão mágico quanto Artemis! – Jin sorriu. – É minha primeira visita à Lua. Pareço criança numa loja de doces! Sempre fui fã de ficção científica. Cresci assistindo a *Star Trek*. Agora posso viver isso.

– *Star Trek*? – perguntou Trond. – Sério? Isso tem tipo... uns cem anos.

– O que é bom é para sempre – disse Jin. – A idade é irrelevante. Ninguém fica pegando no pé dos fãs de Shakespeare.

– Tem razão. Só que aqui não existe nenhuma alienígena gostosa para ser seduzida. Não dá para ser *exatamente* o Capitão Kirk.

– Na verdade – Jin Chu levantou um dedo –, Kirk só fez sexo com três alienígenas em toda a série clássica. E esse número presume que ele dormiu com Elaan de Troyius, algo que ficou implícito, mas nunca confirmado. De modo que podem ter sido só duas.

Trond fez uma reverência, como se suplicasse.

– Não vou desafiá-lo em nada que tenha a ver com *Star Trek*. Você vai ao local de pouso da *Apollo 11* enquanto estiver aqui?

– *Sem dúvida* – respondeu Jin. – Ouvi dizer que existem passeios pelo exterior. Acham que eu devo fazer?

Entrei na conversa:

– Não. Há um perímetro de exclusão em volta de todo o local. A Área de Observação do Centro de Visitantes deixa você na mesma distância.

– Ah, sei. Então não adianta.

Engole essa, Dale.

– Alguém quer chá ou café? – ofereceu Trond.

– Sim, por favor – respondeu Jin. – Café puro, por favor.

Afundi numa poltrona ali perto.

– Chá preto para mim.

Trond pulou por cima do sofá (não é uma coisa tão empolgante quanto parece – lembre-se da gravidade aqui), foi até o aparador e pegou um cesto de vime.

– Acabo de conseguir um pouco de café turco de alto nível. Você vai adorar – comentou Trond. – Jazz, talvez você também goste.

– Café não passa de um tipo ruim de chá – retruquei. – Chá preto é a única bebida que vale a pena.

– Vocês, sauditas, adoram chá preto – disse Trond.

É, *tecnicamente* eu sou cidadã da Arábia Saudita, mas não vou lá desde os 6 anos. Absorvi algumas atitudes e crenças do meu pai, mas não me encaixaria em nenhum lugar da Terra hoje em dia. Sou artemisense.

Trond começou a preparar as bebidas.

– Conversem vocês dois, só vou demorar um minuto.

Por que ele não mandava Irina fazer isso? Não sei. Honestamente, não imagino para que ela serve.

Jin deixou o braço em cima da Caixa Misteriosa.

– Ouvi dizer que Artemis é um destino romântico popular. Há muitos recém-casados aqui?

– Na verdade, não – respondi. – Eles não podem pagar. Mas temos casais mais velhos tentando apimentar a relação.

Ele pareceu confuso.

– Gravidade – expliquei. – O sexo é totalmente diferente com um sexto da gravidade terrestre. É ótimo para casais que estão juntos há muito tempo. Eles podem redescobrir o sexo juntos, é como uma novidade.

– Nunca pensei nisso.

– Há um monte de prostitutas na Aldrin, se você quiser saber mais.

– Ah! É... Não. Não é o meu barato.

Ele não esperava que uma mulher recomendasse putas. Os terráqueos tendem a ficar tensos com esse assunto, e nunca entendi por quê. É um serviço feito em troca de pagamento. Por que tanta frescura?

Dei de ombros.

– Se mudar de ideia, elas cobram umas 2 mil grades.

– Não vou mudar de ideia. – Ele riu de nervoso e mudou de assunto. – Bom... por que o dinheiro artemisense é chamado de grade?

Pus os pés em cima da mesinha de centro.

– É uma abreviação de “gramas desembarcadas”. Uma grade paga 1 grama de carga mandada da Terra para Artemis, cortesia da CEQ.

– Tecnicamente não é uma moeda – disse Trond junto ao aparador. – Não somos um país; não podemos ter uma moeda. As grades são créditos de serviço pré-pago da CEQ. Você paga em dólares, euros, ienes, qualquer

coisa. Em troca, tem um crédito de massa para ser transportada até Artemis. Você não precisa usá-lo todo de uma vez, por isso eles mantêm um rastreamento do seu saldo.

Ele carregou a bandeja até a mesinha de centro.

– Acabou sendo uma unidade útil para o comércio. Assim a CEQ funciona como um banco. A gente nunca poderia se dar bem com uma coisa assim na Terra, mas não estamos na Terra, certo?

Jin estendeu a mão para pegar seu café. Quando fez isso, dei uma olhada na caixa. Era branca com um texto em preto, nítido, dizendo AMOSTRA ZAFO – APENAS USO AUTORIZADO.

– Então esse sofá em que estou sentado veio da Terra? – perguntou Jin. – Quanto custou para trazê-lo?

– Esse aí pesa 43 quilos – respondeu Trond. – Então custou 43 mil grades para transportá-lo.

– Quanto uma pessoa comum ganha? – indagou Jin. – Se não se incomodam que eu pergunte.

Peguei meu chá e deixei o calor da xícara penetrar nas mãos.

– Eu ganho 12 mil grades por mês como entregadora. É um serviço que paga pouco.

Jin tomou um gole de café e fez careta. Já vi isso antes. Os terráqueos odeiam o nosso café. A física determina que ele tenha gosto de bosta.

O ar da Terra tem 20% de oxigênio. O restante é feito de coisas de que o corpo humano não precisa, tipo nitrogênio e argônio. Assim, o ar de Artemis é oxigênio *puro* com 20% da pressão do ar da Terra. Isso nos dá a quantidade certa de oxigênio ao mesmo tempo que minimiza a pressão nos cascos. Não é um conceito novo – remonta aos dias do projeto Apollo. O problema é que, quanto mais baixa a pressão, menor o ponto de ebulição da água. Aqui a água ferve a 61°C, de modo que é o mais quente que o chá ou o café podem ficar. Aparentemente é frio demais, ou nojento, para quem não está acostumado.

Jin recolocou discretamente a xícara na mesa. Não iria pegá-la de novo.

– O que o traz a Artemis? – perguntei.

Ele tamborilou com os dedos na caixa de ZAFO.

– Estamos trabalhando há meses num acordo comercial. Finalmente vamos fechar o negócio, por isso eu queria me encontrar pessoalmente com o Sr. Landvik.

Trond se acomodou no sofá e pegou a caixa de contrabando.

– Já falei para me chamar de Trond.

– Trond então será – concordou Jin.

Trond rasgou o embrulho e tirou uma caixa de madeira escura. Levantou-a contra a luz e olhou-a de vários ângulos. Não sou muito chegada à estética, mas até eu podia ver que era uma coisa linda. Entalhes intrincados cobriam cada superfície e havia uma etiqueta de bom gosto escrita em espanhol.

– O que temos aqui? – perguntou Jin.

Um pouco incomodado, Trond deu um sorriso e abriu a caixa: 24 charutos, embrulhados um a um, estavam ali dentro.

– Charutos dominicanos. As pessoas acham que os cubanos são os melhores, mas estão erradas. Os dominicanos são o que há.

Eu contrabandeava uma caixa daquelas para ele todo mês. A gente precisa amar os clientes fixos.

Ele apontou para a porta.

– Jazz, poderia fechar?

Uma escotilha nitidamente funcional se escondia atrás dos painéis de parede com acabamento requintado. Deslizei-a, fechando, e girei a maçaneta. As escotilhas são bastante comuns nas casas chiques. Se a bolha perder pressão, você pode lacrar sua casa e não morrer. Algumas pessoas são paranoicas a ponto de lacrar os quartos à noite, só para garantir. Se você quer a minha opinião, é um desperdício de dinheiro. Nunca ocorreu algo assim na história de Artemis.

– Eu tenho um sistema especial de filtragem de ar – disse Trond. – A fumaça jamais sai desta sala.

Ele desembulhou o charuto, cortou a ponta com os dentes e a cuspiu num cinzeiro. Depois colocou o charuto na boca e o acendeu com um isqueiro de ouro. Soltou várias baforadas e suspirou.

– Coisa boa... coisa boa.

Estendeu a caixa para Jin, que recusou com um gesto educado. Depois me ofereceu.

– Claro. – Peguei um e enfiei no bolso do peito. – Vou fumar depois do almoço.

Era mentira. Mas por que eu recusaria uma coisa assim? Provavelmente me renderia umas 100 grades.

Jin franziu a testa.

– Desculpe, mas... os charutos são considerados contrabando?

– É realmente ridículo – disse Trond. – Eu tenho uma sala lacrada! Minha fumaça não incomoda ninguém! É injustiça, estou dizendo!

– Ah, você reclama demais. – Virei-me para Jin. – É o fogo. Um incêndio em Artemis seria um pesadelo. A gente não pode ir lá para fora. Os materiais inflamáveis são ilegais, a não ser que haja um motivo realmente bom para eles. A última coisa que queremos é um punhado de idiotas andando por aí com isqueiros.

– Bom... acho que é isso.

Trond brincou com seu isqueiro. Eu o havia contrabandeado para ele anos antes. A intervalos de alguns meses ele precisava de mais gás. Mais dinheiro para mim.

Tomei outro gole de chá quente e peguei meu Gizmo.

– Trond?

– Claro. – Ele pegou seu Gizmo e o segurou perto do meu. – Ainda são 4 mil grades?

– Aham. Só para avisar: da próxima vez vou ter que aumentar para 4.500. As coisas estão ficando mais caras para mim ultimamente.

– Sem problema.

Ele digitou enquanto eu esperava. Depois de um momento, minha tela mostrou a verificação de transferência. Aceitei e a transação estava completa.

– Tudo certo. – Virei-me para Jin. – Foi um prazer conhecê-lo, Sr. Jin. Divirta-se enquanto estiver aqui.

– Obrigado!

– Tenha um bom dia, Jazz. – Trond sorriu.

Deixei os dois para fazer o que iam fazer. Eu não sabia o quê, mas com certeza não era lícito. Trond fazia todo tipo de merda duvidosa, por isso eu gostava dele. Se ele tinha trazido um cara até a Lua, havia algo muito mais interessante do que um “acordo comercial”.

Virei a esquina e saí pelo vestibulo. Irina me lançou um olhar ferino enquanto eu ia embora. Torci o nariz para ela. Ela fechou a porta atrás de mim sem dizer adeus.

Eu já ia pular no Gatilho quando meu Gizmo soltou um bipe. Havia um

trabalho de entrega. Eu era veterana e estava mais perto, por isso o sistema o ofereceu primeiro para mim.

LOCAL DE RECOLHIMENTO: AG-5250. MASSA: $\pm 100\text{KG}$.

LOCAL DE ENTREGA: NÃO ESPECIFICADO. PAGAMENTO: 452g.

Um trabalho valendo 452 grades. Mais ou menos um décimo do que eu tinha acabado de receber por uma caixa de charutos.

Aceitei. Precisava ganhar uma grana.

Caro Kelvin Otieno,

Meu nome é Jasmine Bashara. As pessoas me chamam de Jazz. Tenho 9 anos. Moro em Artemis.

Minha professora é a Sra. Teller. Ela é uma boa professora, apesar de ter pegado meu Gizmo quando eu brincava com ele durante a aula. Ela passou um trabalho de casa pedindo que eu mandasse e-mails para crianças do complexo da CEQ no Quênia. Ela me deu o seu endereço. Você fala inglês? Sei falar árabe também. Qual língua vocês falam no Quênia?

Gosto dos programas de TV americanos e minha comida predileta é sorvete de gengibre. Geralmente como Grude. Queria ter um cachorro, mas não podemos. Ouvi dizer que gente pobre pode ter cachorro na Terra. É verdade? Você tem um cachorro? Se você tiver um cachorro, por favor, me fale sobre ele.

Quênia tem um rei?

Meu pai é soldador. O que o seu pai faz?

Cara Jazz Bashara,

Eu sou Kelvin e também tenho 9 anos. Moro com a minha mãe e o meu pai. Tenho três irmãs. Elas são umas chatas e as duas mais velhas batem em mim. Agora estou ficando maior e um dia vou bater nelas. Brincadeira, os garotos nunca devem bater em meninas.

Os quenianos falam inglês e suaíli. Não temos rei. Temos um presidente, uma assembleia nacional e um senado. Os adultos votam neles e eles fazem as leis.

Minha família não tem cachorro, mas temos dois gatos. Um deles só aparece para comer, mas o outro é muito legal e dorme no sofá o tempo todo.

Meu pai é funcionário da CEQ. Trabalha no Portão 14 e garante que só gente autorizada possa entrar. A gente vive numa das habitações do complexo. Minha escola também fica no complexo. Todo mundo que trabalha na CEQ tem escola gratuita para os filhos. A CEQ é muito generosa e todos nós agradecemos.

Minha mãe fica em casa. Cuida de nós, as crianças. Ela é legal.

Minha comida predileta é cachorro-quente. O que é Grude? Nunca ouvi falar.

Também adoro programas de TV americanos, principalmente as novelas. São bem empolgantes, apesar de a minha mãe não me deixar assistir. Mas a internet aqui é boa, por isso eu vejo quando ela não está olhando. Por favor, não conte a ela kkkk. O que a sua mãe faz?

O que você quer ser quando crescer? Quero construir foguetes. Agora eu faço maquetes de foguetes. Terminei um modelo de um CEQ 209-B. Ficou muito legal no meu quarto. Um dia quero fazer foguetes de verdade. As outras crianças querem ser pilotos de foguete, mas eu não.

Você é branca? Ouvi dizer que todo mundo em Artemis é branco. Existem muitos brancos aqui no complexo. Eles vêm do mundo inteiro para trabalhar aqui.

Kelvin,

Que pena que você não tem um cachorro! Espero que você faça foguetes um dia.

Foguetes de verdade, e não maquetes.

Grude é a comida dos pobres. São algas secas com sabor artificial cultivadas em tanques aqui em Artemis porque a comida da Terra é cara. Grude é um negócio nojento. O sabor artificial deveria dar um gosto bom, mas só faz ficar com um gosto bizarro. Preciso comer isso todo dia. Odeio.

Não sou branca. Sou árabe. Um tom meio castanho-claro. Metade das pessoas aqui é branca. Minha mãe mora em algum lugar na Terra. Ela foi embora quando eu era bem pequena. Não me lembro dela.

As novelas são cafonas, mas tudo bem você gostar de coisas cafonas. Ainda podemos ser amigos.

Você tem quintal na sua casa? Pode ir lá fora quando quiser? Eu só vou poder sair quando tiver 16 anos, porque existem regras para as AEVs. Um dia vou conseguir minha licença de AEV e sair quando tiver vontade, e ninguém vai ficar mandando em mim.

Construir foguetes parece um trabalho legal. Espero que você consiga.

Não quero ter que trabalhar. Quando crescer, quero ser rica.

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

